

Veículo: *Valor Econômico*

Data: 18/5/2010

Autor: Sérgio Lamucci (com agências internacionais)

Pressão internacional contra plano nuclear deve continuar

Aprovar sanções econômicas ao Irã ficou politicamente mais difícil depois do acordo costurado por Brasil e Turquia com o Irã, anunciado ontem. Mas a pressão contra o programa nuclear continua. Essa é a percepção generalizada entre os países ricos, Estados Unidos e comunidade europeia à frente, que defendiam a aplicação de sanções ao país de Mahmoud Ahmadinejad pela política de enriquecimento de urânio. A recepção do acordo foi de surpresa contida, uma vez que a pressão antiprograma nuclear iraniano permanece, mas a saída pelo estrangulamento econômico perde força.

O presidente do Conselho Europeu, Herman van Rompuy, pediu que o Irã "tranquilize" a comunidade internacional de suas intenções sobre a produção de armamento nuclear. Em coletiva após reunião realizada ontem entre líderes europeus e o novo presidente chileno, Sebastián Piñera, Rompuy afirmou que os europeus "ainda estão preocupados com o programa nuclear iraniano".

Ao lado de José Luís Zapatero, presidente espanhol, José Manuel Barroso, presidente da Comissão Europeia, e Piñera, o líder do Conselho Europeu garantiu que há disposição para dialogar com Ahmadinejad. "A União Europeia sempre procurou o Irã, mas o Irã nunca aceitou nosso convite para negociar", afirmou.

James Stavridis, o comandante supremo da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), afirmou que o acordo costurado por Brasil e Turquia para permitir o enriquecimento de urânio foi "um grande exemplo". Para ele, ainda há "muito a ser feito, mas não deixa de ser algo potencialmente bom", afirmou ontem.

O jornal inglês "Financial Times", que no mês passado afirmara em editorial que "o jeito

fofo do Brasil é uma barreira para sentar na mesa de negociações", viu o acordo com "satisfação". O jornal avalia que "a ideia de que o Irã aceitaria trocar seu programa de produzir armas nucleares por outro mais pacífico por meio do diálogo parecia ingênua, mas pode muito bem ter dado certo".

Ao ser perguntado se o Brasil marcara um gol com sua atuação junto ao Irã, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso foi evasivo. "Não posso falar do Irã porque eu cheguei do México e não vi nada ainda", afirmou ele. "Quanto ao gol, precisa ver se os juízes apitaram e deram gol mesmo ou se houve impedimento. Eu não sei", Fernando Henrique respondeu à essa pergunta depois de um almoço na BM&F Bovespa, que contou com as presenças dos ex-presidentes do Uruguai Júlio María Sanguinetti e do Chile Ricardo Lagos e do ex-primeiro-ministro espanhol Felipe González. Antes, ele recusara várias vezes tratar do assunto, afirmando não ter informações sobre o assunto.

Mais cedo, em evento no Instituto Fernando Henrique Cardoso, González tratou do tema de modo cauteloso. "A presença do presidente Lula em Teerã, que seguramente produz em alguns setores inquietude para saber o que se passa, é uma aposta sem dúvida alguma de alto risco, que oxalá dê resultado", disse.